



ORDEM E PROGRESSO

**Militância Política e
Teórico-Científica da
Educação no**

Brasil

2

Américo Junior Nunes da Silva
Airã de Lima Bomfim
(Organizadores)

Atena
Editora

Ano 2020

ORDEM E PROGRESSO

**Militância Política e
Teórico-Científica da
Educação no**

Brasil 2

Américo Junior Nunes da Silva
Airã de Lima Bomfim
(Organizadores)

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Aleksandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Airã de Lima Bomfim

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M644 Militância política e teórico-científica da educação no Brasil
2 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Airã
de Lima Bomfim. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-497-9

DOI 10.22533/at.ed.979202710

1. Educação. 2. Brasil. I. Silva, Américo Junior Nunes
da (Organizador). II. Bomfim, Airã de Lima (Organizador). III.
Título.

CDD 370.981

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do Novo Coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficaz medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angústias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste volume.

O contexto pandêmico tem alimentado uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia tem escancarado o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades. Portanto, as discussões empreendidas neste Volume 02 de **“*Militância Política e Teórico-Científica da Educação no Brasil*”**, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática, da atuação política e do papel social do docente.

Este livro, ***Militância Política e Teórico-Científica da Educação no Brasil***, reúne um conjunto de textos de autores de diferentes estados brasileiros e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, entre outros. O fazer educacional, que reverbera nas escritas dos capítulos que compõe essa obra, constitui-se enquanto um ato social e político.

Os autores que constroem esse Volume 02 são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e no se reconhecerem enquanto sujeitos políticos. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva leitura!

Américo Junior Nunes da Silva
Airã de Lima Bomfim

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDIGENA NA PERSPECITIVA INCLUSIVA

Raimundo Nonato Carlos Arruda

Alceu Zoia

DOI 10.22533/at.ed.9792027101

CAPÍTULO 2..... 11

GESTÃO ESCOLAR PARTICIPATIVA: UMA REFLEXÃO DAS AÇÕES COTIDIANAS DE INCLUSÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM GURUPI – TO

Joel Moisés Silva Pinho

Jamim Alves Araújo

DOI 10.22533/at.ed.9792027102

CAPÍTULO 3..... 20

PERCURSO FORMATIVO E TRABALHO DOCENTE: SABERES E PRÁTICAS

Fábia Lima Algarve

Andrea Ad Reginatto

DOI 10.22533/at.ed.9792027103

CAPÍTULO 4..... 28

CONVERSANDO COM PAIS SOBRE AS (CON)VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cândida Prates Dantas

Clarissa Faverzani Magnago

Marjorie Ribeiro Macedo de Oliveira

Pedro Henrique Machado

DOI 10.22533/at.ed.9792027104

CAPÍTULO 5..... 36

COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO DO IFMT- CAMPUS BARRA DO GARÇAS: UM PASSO EM DIREÇÃO A “EDUCAÇÃO PARA O PENSAR” DE MATTHEW LIPMAN

Ivo Luciano da Assunção Rodrigues

João Luis Binde

Bianca Sobrinho Lima

Luiz Roberto dos Santos Corrêa Neto

Natália Lima Frank

Victória da Cruz Mota

DOI 10.22533/at.ed.9792027105

CAPÍTULO 6..... 48

DESAFIOS NA APLICAÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO HÍBRIDO EM ESCOLA DE ENSINO MÉDIO E TÉCNICO INTEGRADO

Renato de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.9792027106

CAPÍTULO 7	59
GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA E SUA GUERRA DE BOTÕES	
Wallace Santos Vieira	
Kássia Auxiliadora Filiagi Gregory	
Maritza Maciel Castrillon Maldonado	
DOI 10.22533/at.ed.9792027107	
CAPÍTULO 8	71
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: DESAFIO CONTEMPORÂNEO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR	
Jurema Pires Soares	
Ilma de Araújo Xaud	
Simone Rodrigues Batista Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.9792027108	
CAPÍTULO 9	81
INTERNACIONALIZAÇÃO E INTERCOMPREENSÃO: ARTICULAR POLÍTICAS EDUCATIVAS E LINGÜÍSTICAS A FAVOR DO PLURILINGUÍSMO E DA INTERCULTURALIDADE NOS IES	
Joséphine Correia Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.9792027109	
CAPÍTULO 10	85
VIOLÊNCIA URBANA E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	
Adelcio Machado dos Santos	
Adriana Silva	
DOI 10.22533/at.ed.97920271010	
CAPÍTULO 11	100
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR GESTOR ESCOLAR	
Krys Ellem Honório Cardoso	
Ester Assalin	
DOI 10.22533/at.ed.97920271011	
CAPÍTULO 12	115
UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA, MULTI OU INTERCULTURAL? O CASO PERUANO DO ENCONTRO TINKUY	
Lilia Maria Nieva Villegas	
Sonia Cristina Soares Dias Vermelho	
Charo Jacqueline Jauregui Sueldo	
DOI 10.22533/at.ed.97920271012	
CAPÍTULO 13	122
O TÉCNICO E A COMUNIDADE	
Etianne Alves Souza de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.97920271013	

CAPÍTULO 14..... 133

EDUCAÇÃO E CONSUMO NA CIBERCULTURA: PROCESSO DE COMUNICAÇÃO ONLINE

Solange de Fátima Wollenhaupt
Lúcia Helena Vandrúsculo Possari
DOI 10.22533/at.ed.97920271014

CAPÍTULO 15..... 145

ONDE ESTÃO OS EGRESSOS DOS CURSOS TÉCNICOS DO EIXO TECNOLÓGICO RECURSOS NATURAIS DO IFAM-CAMPUS PARINTINS?

Iago Pantoja de Azevedo
Norberto Góes Junior
Wanderley Mendonça de Souza
Kildery Alex Freitas Serrão
Ana Carolina Souza Sampaio Nakauth
DOI 10.22533/at.ed.97920271015

CAPÍTULO 16..... 157

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: DESAFIO DE PROMOVER A SAÚDE EXTRA HOSPITALAR

Maria Jussara Medeiros Nunes
Palloma Rayane Alves de Oliveira Sinezio
Mayame Jordânia Rebouças de Oliveira
Libne Lidianne da Rocha e Nóbrega
Nayanne Victória Sousa Batista
Gabriel Victor Teodoro de Medeiros Marcos
Tania Maria das Chagas Costa
Maria Cleide Araújo de Medeiros Moraes
Francisca Gilberlania da Silva Santos Barreto
Lívia Natany Sousa Moraes
Suzana Carneiro de Azevedo Fernandes
DOI 10.22533/at.ed.97920271016

CAPÍTULO 17..... 166

GÊNERO, *SCRIPT SEXUADO* E PROFISSÕES JURÍDICAS

Maria Carolina Loss Leite
DOI 10.22533/at.ed.97920271017

CAPÍTULO 18..... 178

UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIA DIGITAL PARA CAPTAÇÃO DE INFORMAÇÕES QUE IRÃO IMPACTAR EM AÇÕES DE PREVENÇÃO E SEGURANÇA NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Bruna Lara Campos de Moraes
Jaqueline Maissiat
DOI 10.22533/at.ed.97920271018

CAPÍTULO 19.....	191
BLENDED LEARNING: COMO INOVAR O ENSINO HÍBRIDO COM O USO DE VIDEOCONFERÊNCIA	
Rodolfo Faquin Della Justina	
Guilherme Mattei Orbem	
Eliane Pozzebon	
Jefferson Pacheco dos Santos	
Eduardo Gonzaga Bett	
Ismael Mazzuco	
DOI 10.22533/at.ed.97920271019	
CAPÍTULO 20.....	201
CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR: EU NA UNIOESTE	
Janaina Aparecida de Mattos Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.97920271020	
SOBRE OS ORGANIZADORES	210
ÍNDICE REMISSIVO.....	211

CAPÍTULO 7

GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA E SUA GUERRA DE BOTÕES

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 03/07/2020

Wallace Santos Vieira

Universidade do Estado de Mato Grosso,
Programa de Pós-Graduação em Educação –
Mestrado em Educação
Cáceres – MT
<https://orcid.org/0000-0002-6367-6361>

Kássia Auxiliadora Filiagi Gregory

Universidade do Estado de Mato Grosso,
Programa de Pós-Graduação em Educação –
Mestrado em Educação
Cáceres – MT
<https://orcid.org/0000-0001-9090-6946>

Maritza Maciel Castrillon Maldonado

Universidade do Estado de Mato Grosso,
Programa de Pós-Graduação em Educação –
Mestrado em Educação
Cáceres – MT
<https://orcid.org/0000-0001-6574-4463>

RESUMO: Neste texto, propomos problematizar, através do filme A Guerra dos Botões e das narrativas dos praticantespensantes da educação, possibilidades de explorar os dispositivos instalados nos espaços escolares com o intuito de pensar o conceito de diferença apresentado por Gilles Deleuze (1988). As narrativas em questão foram produzidas em uma das sessões do Cineclube (Re)Existência, onde foi exibido o filme A Guerra dos Botões. Em diversos momentos o filme apresenta cenas

onde os diálogos entre garotos manifestam um discurso dominante e hegemônico que desmerece e subjuga a participação de uma garota em seu bando, por esta ser do gênero feminino. Percebemos que, embora o filme tratasse a todo instante desta temática, não foi constatada em nenhuma narrativa dos praticantespensantes, o papel da menina, da mulher, muito menos as condições que possibilitaram essa inferiorização. Será isso ainda "normal" no cotidiano escolar dos dias atuais? Por que situações como esta são difíceis de lidar? É desconfortante pensar de outra maneira o papel feminino na sociedade? Essas foram nossas inquietações que movimentaram este texto.

PALAVRAS-CHAVE: diferença, gênero, currículo, cinema, escola.

GENDER AND SEXUALITY AT SCHOOL AND ITS BUTTONS WAR

ABSTRACT: In this text, we propose to problematize, through the film The War of the Buttons and the narratives of practitioners/ thinking about education, possibilities of exploring the devices installed in school spaces in order to think about the concept of difference presented by Gilles Deleuze (1988). The narratives in question were produced in one of the Cineclube (Re) Existência sessions, where the film The War of the Buttons was shown. At different moments, the film presents scenes where the dialogues between boys manifest a dominant and hegemonic discourse that belittles and subdues the participation of a girl in his band, because she is female. We noticed that, although the film dealt

with this theme at all times, the role of the girl, the woman, much less the conditions that made this inferiorization possible, was not found in any narrative of the practitioners/thinking. Is this still “normal” in today’s school routine? Why are situations like this difficult to deal with? Is it uncomfortable to think of the female role in society differently? These were our concerns that moved this text.

KEYWORDS: difference, gender, curriculum, cinema, school.

1 | O FILME COMEÇOU...

“Saia daqui eu já disse” – “Garotas servem só para costurar” – “É menino ou menina?” – “Nem ela sabe” (Filme: *A Guerra dos Botões*, 2011). Com estas frases ditas logo no início do filme *A Guerra dos Botões* - título original em francês *La Guerre des Boutons* dirigido por Yann Samuel (2011), iniciamos este artigo que busca problematizar os cotidianos escolares através de filmes. No diálogo que aparece na epígrafe deste texto, que é a reprodução de conversas dos garotos, proferido a uma garota que vislumbra fazer parte de seu bando, percebemos um discurso dominante e hegemônico que desmerece e subjugua o papel feminino na sociedade. Segundo o sociólogo Richard Miskolci (2010, p. 59) “concepção dominante de nação minimizava a função das mulheres a trabalhos domésticos, reprodução e ao cuidado dos homens, pois estes eram os verdadeiros cidadãos”.

A Guerra dos Botões foi um dos filmes exibido na sessão do Cineclube (Re)Existência criado pelo Ateliê de Educação e Imagem (AIE), vinculado ao projeto “Cinema, Infância e Diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo”, que tem por objetivo problematizar concepções de infâncias e diferença a partir de imagens e sons produzidos no cinema, oportunizando aos *praticantespensantes* do cotidiano educacional pensarem de forma diferente aquilo que vem sendo *pensadopracicado* na educação escolar” (MALDONADO, 2015, p.08). Sobre o termo *praticantespensantes* compartilhamos da ideia de Alessandra Nunes Caldas e Nilda Alves, segundo as autoras:

Estes termos, como muitos outros, aparecem nas pesquisas da corrente em que trabalhamos para mostrar os limites do modo dicotomizado de pensar, desenvolvido com as ciências na Modernidade, quando pesquisamos as redes cotidianas de conhecimentos e significações (2014, p. 187).

Os filmes exibidos nas sessões do Cineclube (Re)Existência são considerados *intercessores* para o pensamento e as narrativas e imagens produzidas a partir das conversas com os *praticantespensantes* da educação são consideradas *personagens conceituais*.

O filme se passa nos anos 60, época em que papéis masculinos e femininos eram bem demarcados. Por isso, podemos perceber o filme como um agente potencializador do pensamento, levando-nos a pensar sobre a existência desta dicotomia nos dias atuais. Também contribui na medida em que força nosso pensamento a pensar novas possibilidades e outros papéis que poderão ser assumidos pelos *praticantespensantes* do

cotidiano escolar.

Assim, nos propusemos, neste texto, a problematizar, através do filme *A Guerra dos Botões* e das narrativas dos *praticantespensantes* da educação, possibilidades de explorar os dispositivos instalados nos espaços escolares com o intuito de pensar o conceito de *diferença* apresentado por Gilles Deleuze (1988). Apostamos que os encontros nas sessões do Cineclube, podem, quiçá, produzir agenciamentos coletivos que possam engendrar práticas pedagógicas cotidianas potencializadoras para produzir diferenças.

2 | PENSAR ATRAVÉS DO CINEMA – COMO DESAFIO

O cinema se constitui em uma importante mídia que, através de suas imagens e sons, tem influenciado as biografias dos expectadores, ofertando múltiplos sentidos ao sujeito moderno. Para o filósofo francês Gilles Deleuze, as imagens e narrativas cinematográficas permitem desconstruir clichês - já impregnados em nosso cotidiano - forçando o pensamento a pensar outras possibilidades.

Para Deleuze (*apud* GUERÓN, 2011) cinema e realidade não se distinguem, pois o cinema é uma potência do real, ou seja, uma força que nos instiga a pensar sobre e a partir de nossos encontros em *espaçotempos* distintos. A partir dessa perspectiva, concebemos que os conhecimentos são tecidos em redes educativas (ALVES, 2001, p. 8). Ou seja, compreendemos que o conhecimento não se realiza através de vias únicas, principalmente, para tantas pessoas que podem se comunicar, receber e produzir conteúdo participando dos modos de vidas das sociedades integradas do capitalismo avançado.

Neste sentido, o Ateliê de Educação e Imagem (AIE) situa-se em uma perspectiva que rompe com a ideia de uma investigação a procura um modelo “ideal” e “verdadeiro” servindo de parâmetro para o conhecimento (MALDONADO, 2015). O cineclube (Re)Existência, é concebido como *espaçotempo* destinado a discutir e pensar a partir de filmes. Seu intuito é potencializar as conversas entre os *praticantespensantes* da educação e perceber por meio delas, como os filmes desestabilizam concepções de diferença, educação, currículo, cotidiano escolar e infâncias.

As ações do AIE transitam *entre* o pensamento pós-estruturalista, tendo como principais interlocutores Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault, Tomaz Tadeu da Silva, Alfredo Veiga-Neto, Sílvio Gallo, Rodrigo Guéron e os estudos dos cotidianos, de Nilda Alves, Inês Barbosa Oliveira e Carlos Eduardo Ferraço (MALDONADO, 2015).

Os filmes assistidos no Cineclube são concebidos como *personagens conceituais*, pois movimentam o pensamento e permitem a identificação de clichês e a desconstrução dos mesmos. Para Guéron (2011, p.14) clichê é “uma espécie de imagem-lei, de imagem-moral, que age como um mecanismo padronizador e determinador de valor”. Dessa forma, vemos a necessidade de romper com paradigmas já ossificados pela sociedade sendo necessárias novas práticas, novas vivências, novos modos de constituição do sujeito, como

nos inspira Guattari,

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho: todo um programa parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época (GUATTARI, 1997, p.55).

Sobre o cinema Medeiros (2009, p. 02) afirma:

O cinema e a linguagem imagética, numa sociedade técnica são, cada vez mais elementos de ligação entre educadores e seus educandos, entre o conhecimento e a vida. Em razão da proximidade que as imagens estabelecem com o público, e pelo fato de satisfazerem à necessidade humana de se expressar, de se ver e de interagir, tornam-se hegemônicas em nossa cultura e fundamentais para compreensão de nossa realidade contemporânea.

Assim, ao estimular as experiências através do pensamento sobre os filmes buscamos desconstruir o engessamento da potência criadora, visando produzir diferenças, criando novas possibilidades de pensamento que fluam para além dos clichês.

3 | A GUERRA DOS BOTÕES VAI COMEÇAR...

A Guerra dos Botões é um filme francês, adaptação do romance homônimo escrito pelo francês Louis Pergaud, em 1912. Situado na França dos anos 60, traz a história dos Longevernes, um grupo de garotos da aldeia homônima que mantém uma rivalidade tradicional com os Velrans, de uma aldeia vizinha. Trata-se do clichê da velha guerra de gangues, remodelada para o universo infantil. O atual líder dos Longevernes é Willian Lebrac, exemplo de coragem para seus companheiros que, porém, precisa lidar com problemas em sua casa, ajudando sua mãe viúva a cuidar de suas duas irmãs e problemas na escola, reflexo de sua rebeldia evidenciada na adolescência que o faz ter baixo desempenho escolar.

O filme retrata a França da década de 60, período em que também ocorre a Guerra da Argélia (1954-1962), assim observa-se no decorrer do filme que as brincadeiras das crianças eram todas voltadas para a guerra. O auge das batalhas entre as crianças se dava quando os ganhadores arrancavam os botões da camisa dos adversários. Isto para as crianças significava muito, pois ao chegar as suas casas sem os botões seriam punidos por seus pais.

No início do filme podemos perceber que o grupo de meninos da aldeia Longevernes manifesta preconceito no melhor estilo “Clube do Bolinha”, ao não aceitarem que Lanterna, uma garota, faça parte de seu bando. Profere a ela insultos para que desista da ideia de integrar o grupo. E, no decorrer do filme, notamos que a ajuda de Lanterna é essencial para o bando ganhar algumas batalhas.

Outro ponto importante a observar são as diferentes faixas etárias das crianças dentro de uma mesma sala de aula em que todos ficavam juntos e apreendiam o mesmo conteúdo, havendo somente uma separação por sexo, ficando meninas para um lado e meninos para o outro.

A Guerra dos Botões retrata a história e os costumes de uma época, porém aborda assuntos de suma importância ainda nos dias atuais, como: a discriminação pelo sexo oposto, a solidariedade, o companheirismo, brincadeiras saudáveis e livres, o respeito, o medo, primeiro amor, aventura, criatividade, união, amizade verdadeira, sinceridade, traição, lealdade, alegria, dentre outros assuntos que o filme faz refletir.

Ao final, Willian Lebrac ganha uma bolsa de estudos e deixa a aldeia, porém antes de ir deve escolher um novo líder. Sem muito hesitar concede a liderança do bando dos Longeverner à Lanterna. Os outros meninos do bando novamente questionam, pois ela é menina e não deveria liderá-los.

O filme traz muitas provocações. Percebemos que muitos assuntos abordados reverberam no cotidiano escolar. A indisciplina, a cooperação, o papel do professor, a superação e questões de gênero estão presentes no filme e também presentes no cotidiano das escolas dos dias atuais. Nesse sentido, o filme torna-se uma potência para pensarmos a escola e o currículo que temos *trabalhadopensado*.

Ao final da exibição do filme foi realizada uma roda de conversa com os *praticantespensantes* de cotidianos escolares do município de Cáceres-MT. Partindo de outros contextos socioculturais, problematizamos conhecimentos e práticas por eles produzidos a partir da intercessão do filme.

Compreendemos, neste texto, que as imagens e sons veiculados no filme francês *A Guerra dos Botões*, instigam nosso pensamento a pensar os “mundos culturais” dos *praticantespensantes* (professores) em relação às infâncias, à diferença e ao currículo bem como nos ajudam a problematizá-los, questioná-los, desmanchá-los e esquadrinhá-los pensando, conjuntamente, que outros mundos, outras infâncias, outras sexualidades, outras cores, outras multiplicidades/singularidades, podem constituir diferença em nós. Podem nos afetar, edificando outros modos de concebermos e lidarmos com as infâncias e a diferença na educação, no cotidiano escolar e no currículo.

4 | FORÇANDO O PENSAMENTO A PENSAR: AS NARRATIVAS...

Partimos do princípio de que o filme apresenta imagens, narrativas e sons que provocam nosso pensamento a pensar e que se afastam da pretensão de representar na mesma medida em que se constitui em potência criadora. Nesse sentido, Deleuze e Guattari (2010, p. 79) nos inspiram nesta pesquisa ao nos falarem de personagem conceitual enquanto “o devir ou o sujeito de uma filosofia” (...) “verdadeiros agentes de enunciação”, ou, enquanto intercessor, cristal ou germe de pensamento. Para eles, o essencial para o

pensamento pensar são os intercessores. Deleuze (1992) nos diz sobre esse personagem da vida:

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro. (DELEUZE, 1992, p 156)

Na sequência apresentamos as narrativas e as reflexões dos *praticantespensantes* da educação após a exibição do filme *A Guerra dos Botões*. As transcrições das narrativas se encontram como na filmagem original, pois o projeto passou pelo comitê de ética da UNEMAT e todas as imagens e narrativas utilizadas estão autorizadas pelos participantes do cineclube que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, porém como forma de garantir o anonimato dos professores e professoras, praticantespensantes da pesquisa, optamos por nomeá-los com nomes de árvores frutíferas.

A gente pode perceber a liberdade, a gente pode perceber a união entre todos, a gente pode perceber a traição que existiu e mais do que isso eu vi, assim, “um acreditar” daquele professor sobre aquele aluno [...] conseguiu ver naquele aluno o quanto ele tinha pra dar ainda e ele, entendeu. [...] olha, eu penso assim, que nós professores, nós devemos acreditar, acreditar nas melhores... nas melhores coisas, nos melhores detalhes de cada aluno. [...] mas que nós como professores, como educadores, [...] devemos acreditar mais em nossos alunos, tá?

Professor Limoeiro

Percebemos que imagens fílmicas fizeram com que os *praticantespensantes* da educação problematisassem não somente as cenas exibidas no cineclube, mas que realizassem essa transposição para o cotidiano da escola, repensando suas ações pedagógicas, como revela a narrativa do Professor Limoeiro.

Em sua análise sobre a importância do cinema nos dias atuais e na escola Medeiros (2009, p. 03) afirma que “se as imagens midiáticas disseminam ideias, valores, e comportamentos, elas devem ser problematizadas nos tempos e espaços escolares, favorecendo o desenvolvimento das aprendizagens sobre a existência humana”.

As narrativas que seguem abordam temas caros ao cotidiano escolar como indisciplina, práticas pedagógicas, violência, porém como poderemos observar, nenhuma menção é feita a questões referentes a gênero e sexualidade que se encontram tão presentes no filme. A Professora Amoreira relatou experiências vividas por ela em sua

infância que foram lembradas através do filme no comentário que segue:

Assim... o que me lembrou muito vendo o filme, assistindo, foi a infância também. Até porque este menino ele tinha... era uma família humilde, que tinha uma grande responsabilidade com os irmãos, com a mãe por ter perdido o pai. Então, eu me vi né? Eu me vi criança que, assim, não que eu tenha perdido o pai, mas foi semelhante. Eu era uma criança que vinha para a escola, mas que não tinha muita coisa. Quando eu vinha pra escola pra fazer, porque minha mãe trabalhava fora e nessas, quando eu chegava em casa com bastante dever pra fazer, eu me empolgava no dever e não fazia o que ela tinha me recomendado, eu levava puxões de orelhas e também vejo isso hoje como professora com alunos meus.

Professora Amoreira

Assim, o cinema é um tipo de filosofia, é um exercício de pensamento, com a ressalva de que não carece de conceitos, mas de sensações que produzem subjetividades na medida em que causam um estado de estranhamento entre o olhar e o desenrolar da estória. Para Carvalho e Silva, o cinema é uma força que nos leva ao movimento do pensar, propiciando encontros, experiências, e que nos possibilita a surpresa, o choque, o silêncio, a indagação, permitindo habitar outros/novos territórios ainda não sentidos e vividos (DELEUZE *apud* CARVALHO & SILVA, 2014).

Vemos o cinema permitindo o pensamento pensar para além do que estava posto na tela, para além do que estava definido pelo roteiro, pelo enredo, pela estória. Estas novas possibilidades de pensar para além do filme é que permitem, também, pensarmos para além do cotidiano escolar. Assim, os *praticantespensantes* da educação, ao realizarem suas narrativas, as fazem para além do que foi visto contextualizando com seus cotidianos. Embora a professora Amoreira rememore, com o filme, o seu passado, ela pode, talvez, fazer com que essa lembrança a modifique, a torne outra em comportamentos e práticas como mulher, mãe, professora. Talvez outros territórios estejam sendo aí construídos e o processo de desterritorialização esteja acontecendo. Isso é friccionar o pensamento. Isso é forçar a pensar. Essa é a força criativa do cinema que os componentes do AIE tentam, com o projeto desenvolver.

Outras narrativas mencionaram a importância de se criar um vínculo de confiança com o aluno e, talvez, alcancem outros territórios nas práticas cotidianas escolares:

[...] A mudança aconteceu a partir do momento que ele se sentiu útil, ele sentiu que ele era capaz de mudar. [...] quando o professor consegue criar esse vínculo com o aluno, mostrar que ele é capaz, que ele é importante, independente dos meios de como é a família, de renda, do amor que é demonstrado por ele [...].

Professora Mangueira

Outras narrativas rememoram as traquinagens de infância que eram articuladas enquanto crianças e que hoje, na condição de professores, coordenadores, enfim, *praticantespensantes* da educação, são questionadas, cobradas e discutidas com os alunos:

[...] quando fechava, colocava o balde na porta do banheiro e se alguém entrasse, ao abrir a porta... a urina né? (risos). Não era nem água, mas talvez colocava água. Hoje, como eu sou coordenador, eu estou coordenador hoje, e aí a gente briga com a gurizada e eu tava aqui pensando assistindo o filme.

Professor Laranjeira

No início deste texto chamamos a atenção para o tratamento dado a Lanterna no filme, problematizando, com ela, o papel da mulher e sua minimização. Podemos perceber que embora o filme tratasse do tema em momentos tão perceptíveis, não fora constatada nenhuma narrativa acerca do papel da menina, da mulher, muito menos o porquê dessa inferiorização. Será isso ainda “normal” no cotidiano escolar dos dias atuais? Por que situações como esta são difíceis de lidar? É desconfortante pensar de outra forma o papel feminino na sociedade?

Com estes questionamentos partimos para o próximo questionamento que trazemos no texto, que é o silenciamento das questões de gênero e sexualidade, principalmente no que diz respeito à menina/mulher.

5 | POR ONDE ANDARÁ A LANTERNA EM NOSSO PENSAMENTO?

Lanterna - a garota do filme - assume ao fim da trama o papel de líder de um bando composto exclusivamente por meninos. Esse é um fato que não foi citado por nenhum dos *praticantespensantes* da educação presentes no cineclubes. Ou seja, uma cena marcante por todo diálogo que houvera não foi sequer lembrada, mencionada. Por quê? O que nos leva, enquanto *praticantespensantes* da educação, tratar como “banal” este tipo de comportamento a ponto de não sermos tocados ou incomodados?

Talvez a resposta esteja em como a mulher vem sendo constituída desde o início da colonização brasileira. Restringimo-nos aqui somente a este período, no entanto sabemos que a mulher luta por direitos há muito mais tempo que só os nossos quinhentos e poucos anos de colonização.

Assim, a idealização da mulher como boa mãe, amante, filha, esposa, cuidadora do lar sempre esteve ligada ao imaginário da sociedade ocidental. Somos frutos de uma sociedade patriarcal e que vê no masculino o sexo forte e nobre, caracterizando as relações de poder e autoridade.

Percebemos o que Safiotti (1981, p.34) descreve:

A ideologia machista, que considera o homem um ser superior à mulher, não entra apenas na cabeça dos homens. Também as mulheres majoritariamente, acreditam nestas ideias e as transmitem aos filhos. Quando proíbe os filhos de chorar, alegando que homem não chora, e exigem que as filhas se sentem como mocinhas, estão passando aos mais jovens este sistema de ideias que privilegia o homem em prejuízo da mulher.

Dessa forma, podemos pensar e contextualizar as condições que possibilitaram com que “as” *praticantespensantes* não citassem/mencionassem o papel de líder assumido por Lanterna ao fim da trama e todas as situações embaraços por ela vivenciadas.

Assim, consideramos necessário compreender que o simples fato de ser mulher não é condição para subalternização, desmerecimento, inferiorização, submissão, opressão, etc. Torna-se necessária uma abertura para que uma mudança de pensamento aconteça. Necessário se faz, assim, problematizar o processo de constituição histórico das mulheres, as condições que possibilitaram essa forma de pensar e não outra, as relações de saber e poder que fizeram com que passasse despercebida a luta travada, durante toda a trama, por Lanterna, para fazer parte do grupo.

Para Lisboa (2008, p. 02):

Empoderamento na perspectiva feminista é um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; é precondição para obter a igualdade entre homens e mulheres; representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como gênero; significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e as violações.

E ainda segundo a autora:

[...] o empoderamento das mulheres é condição para a equidade de gênero. O primeiro passo para o empoderamento deve ser o despertar da consciência por parte das mulheres em relação à discriminação de gênero: reconhecer que existe desigualdade entre homens e mulheres, indignar-se com esta situação e querer transformá-la (LISBOA, 2008, p. 02).

Mencionamos aqui a importância do empoderamento das mulheres, pois as relações de gênero nos atentam para construções sociais à respeito de homens e mulheres, porém não se limitando apenas a “noção” de homem e de mulher, mas as questionando.

Questionamos, assim: como nosso pensamento está acostumado a pensar? Se analisarmos que nossa forma de pensamento é dualista, ou seja, bem/mal, bonito/feio, alto/baixo, enxergamos um “padrão” de hierarquização que não é diferente com o masculino/feminino. Existindo aí, uma relação de poder desigual e por vezes, sutil.

Bourdieu (*apud* FRANÇA *et.al.*, 2009) chama a atenção de que, a associação

feita do feminino com a sensibilidade, a fraqueza ou a emotividade em contraposição à racionalidade e à força (atribuídos ao masculino) faz operar uma dimensão de poder que, na prática, leva a redução das possibilidades de ação, protagonismo e autonomia das mulheres.

Para tanto, é necessário pensar tais questões indagando-nos sobre essas diferenças que são constituídas num processo histórico e cultural. Mas pensar a diferença em si mesma, e não a partir de representações, como a filosofia clássica sempre o fez. Desta forma, podemos utilizar como referência para esse pensamento Gilles Deleuze (1988). O autor questiona toda a filosofia clássica e suas formas de representações que coloca a diferença como aquilo que se distingue de um modelo verdadeiro, ideal, normativo. Ou seja, a diferença é representada como o falso, o imperfeito, que causa o caos e a desordem.

A abordagem tradicional da filosofia tem a representação como fundamento do pensamento. A dicotomia entre o pensamento racional e os sentidos é centrada na busca de critérios de verdades que enalteçam a objetividade e evitam a subjetividade. Nesse sentido, a diferença é capturada pela representação. Por esta razão, podemos dizer que ao escrever sobre a diferença, Deleuze levará em conta a carga negativa com a qual a história da filosofia sempre a envolveu, que possivelmente o inquietou numa espécie de caos em seu próprio pensamento.

Diante desta perspectiva, faz-se necessário pensarmos a diferença no contexto do gênero e da sexualidade a partir de si mesma, longe de representações que afirmam ou excluem os sujeitos. A questão da sensibilidade, da fraqueza e da emotividade colocadas por Bordieu no parágrafo acima, nos leva a pensar como concebemos a diferença. A diferença, conforme vimos acima, segundo o ideário platônico, é aquela que resguarda o *eu soberano* e considera o que é diferente de mim, o *outro*. Nesse sentido, o diferente é sempre o lado negativo de uma positividade construída historicamente como sendo verdadeira, única e inexorável. Neste caso, seguindo este ideário, o diferente é o gênero feminino, pois se distingue de um modelo aceito, inquestionável, forte e representativo, colocando as meninas/mulheres como “tolerável”, questionável, fraco, numa representação do “menos”.

Os questionamentos aqui levantados, nos levam a pensar que, talvez, precisemos compreender a diferença a partir de um outro olhar para então nos darmos conta das relações de gênero e sexualidade que envolvem nossa sociedade patriarcal. Para Deleuze, a diferença é o princípio constitutivo da natureza. Ela é primeira com relação à identidade e à semelhança e é também ela que dissolve toda determinação, toda e qualquer estabilidade de um mundo que, apenas na aparência, é sólido e permanente (DELEUZE, 1988, p. 367). A analítica realizada por Deleuze ressalta a necessidade de retirar o rótulo de maldita da diferença e colocá-la no estatuto da produção e da criação, do fundo que vem à tona dissolvendo a forma já estabelecida *a priori*.

REFERÊNCIAS

A Guerra dos Botões. Filme dirigido por Yann Samuëll (La guerre des boutons) 2011.

CALDAS, Alessandra Nunes; Alves, Nilda. Circulação de ideias em pesquisas com os cotidianos: Contatos entre os praticantes pensantes de currículos na internet. **Revista Teias** v. 15. n. 39. p.187-213 (2014). Disponível: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24489/17468>> Acesso em: 12 de jul 2017

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, pp. 133-184, 1995. In: FRANÇA, Fabiane Freire França; FELIPE, Delton Aparecido; BACARO, Paula Edicléia França. A problematização dos saberes de gênero no ambiente escolar: uma proposta de intervenção à Formação Docente. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, 2009. p. 5933-5946. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2624_1849.pdf> Acesso em 15 de set de 2016.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed 34. 1992.

_____. A imagem-movimento. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Brasiliense, 1985. In: CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da. O cinema como linguagem potencializadora dos processos de aprender-ensinar. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.32, n.63, p.77-91, dez. 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, M. O cuidado da verdade. In: Foucault, M. **Ditos e escritos**. (Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta). Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

GUÉRON, Rodrigo. **Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.

LISBOA, Teresa Kleba. O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. In: **fazendo gênero 8 – corpo, violência e poder**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST11/Teresa_Kleba_Lisboa_11.pdf> Acesso em 22 de set de 2016.

MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon. **Projeto: Ateliê de Educação e Imagem: CINEMA, INFÂNCIAS E DIFERENÇA: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo**. Universidade do Estado de Mato Grosso, Faculdade de Educação, 2015.

MEDEIROS, Sérgio Augusto Leal de. Cinema na escola com Walter Benjamin. In: Reunião da ANPED: Sociedade, cultura e educação: novas regulações? 32. 2009, Caxambu, MG. **Anais da 32ª Reunião Anual da Anped**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5653--Int.pdf>> Acesso em 10 ago. 2016.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2 ed. rev. e ampl. 2. reimp. Belo Horizonte: Autentica Editora – UFOP/Universidade Federal de Ouro Preto, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 28, 29, 35, 62

Assistência de Enfermagem 158, 159, 160, 163, 164, 165

C

Centro de Atenção Psicossocial 12, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165

Cibercultura 12, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 143, 144

Cidadania 9, 4, 18, 31, 32, 33, 38, 57, 90, 108, 114, 133, 135, 136, 137, 138, 142, 163, 204

Cinema 59, 60, 61, 62, 64, 65, 69

Comunicação online 12, 133

Comunidade 10, 11, 3, 4, 6, 9, 12, 14, 15, 16, 18, 28, 30, 31, 34, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 87, 105, 109, 112, 113, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 158, 163, 181, 182, 184, 188, 189, 192, 199, 203, 204, 208

Comunidade de Investigação 10, 36, 37, 38, 39, 42, 46

Consumo 12, 21, 91, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143

Controle Social 85, 87, 88, 90, 96

Currículo 59, 60, 61, 63, 69, 73, 114, 124

Cursinho pré-vestibular 13, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208

D

Defensoria Pública 166, 170, 171

Diálogo 13, 17, 28, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 46, 47, 60, 66, 74, 75, 88, 117, 119, 130, 141, 204

Diferença 17, 59, 60, 61, 63, 68, 69, 87, 92, 94, 103, 116, 118, 120

Diversidade 1, 2, 7, 8, 9, 41, 45, 81, 83, 88, 94, 101, 116, 117, 118, 119, 129

E

EAD 143, 144, 191, 192, 193, 210

Edificações 122, 123, 125, 131

Educação 2, 9, 10, 12, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 19, 26, 27, 30, 31, 36, 37, 38, 46, 47, 48, 52, 57, 59, 60, 61, 69, 71, 79, 85, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 120, 122, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 143, 144, 145, 155, 156, 176, 177, 178, 179, 190, 192, 197, 200, 201, 202, 205, 208, 210

Educação Básica 3, 79, 100, 103, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 201, 202, 204, 205, 207, 210

Educação Escolar Indígena 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9
Educação Intercultural 71, 72, 73, 76
Educação para o Pensar 10, 36, 37, 38, 45, 46
Educação Superior 71, 75, 173
Enfermagem psicossocial 158, 160
Enfermagem psiquiátrica 158, 160
Ensino 9, 10, 13, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 30, 36, 37, 38, 40, 43, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 90, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 146, 149, 152, 154, 155, 172, 173, 179, 182, 184, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210
Ensino Híbrido 10, 13, 48, 50, 51, 52, 56, 57, 191, 193, 197, 199, 200
Ensino Médio 10, 30, 36, 37, 38, 40, 43, 46, 48, 52, 57, 78, 146, 173, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208
Escola 10, 11, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 48, 49, 53, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 69, 75, 98, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 134, 137, 144, 154, 156, 161, 162, 164, 165, 173, 179, 190, 201, 202
Estágio Supervisionado 11, 12, 13, 19
Experiência formativa 11, 115, 116

F

Filosofia 36, 37, 38, 41, 46, 47, 63, 65, 68, 69, 205, 207, 210
Formação 9, 11, 3, 4, 6, 8, 9, 11, 13, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 30, 31, 33, 38, 46, 52, 69, 71, 73, 74, 75, 79, 82, 83, 89, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 122, 123, 129, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 174, 188, 193, 197, 200, 208, 209, 210
Formação continuada do professor gestor 100
Formação de Professores 9, 3, 8, 9, 18, 20, 71, 74, 75, 79, 101, 102, 103, 112, 113, 114, 210
Formação Docente 18, 69, 74, 100, 104, 110, 111
Formação inicial do professor gestor 100

G

Gênero 9, 11, 12, 59, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 97, 148, 155, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177
Gestão Participativa 11, 14, 15

I

Inclusão 9, 10, 1, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 57, 69, 81, 83, 118, 120, 137, 141, 144, 160

Interculturalidade 11, 2, 81, 83, 84, 115, 116, 117, 118, 119, 120

L

Legislação Educacional 1, 2

M

Mercado de Trabalho 73, 145, 146, 147, 149, 155, 170, 171, 174

Metodologias ativas 10, 48, 49, 52, 54, 57, 179

Multiculturalidade 115, 116, 117, 119

P

Pais 10, 2, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 62, 110, 112, 116, 145, 149, 189

Percurso Formativo 10, 20, 22, 26

Prática Avaliativa 71, 72, 73, 77, 78, 79

Prática Pedagógica 19, 21, 23, 45, 52, 53, 71, 73, 79

Professor gestor 11, 100, 101, 112

Profissional 8, 20, 30, 101, 155, 156, 209

Projeto de Extensão Social 201, 203

Psicologia Escolar 28, 31, 35

R

Recursos Educacionais Abertos 20, 22, 24, 26

Representações Sociais 11, 85, 87, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 161

S

Sala de aula invertida 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Saúde mental 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

Segurança Pública 137, 178, 182, 188

Sociologia das Profissões 166, 174

T

Tecnologia Digital 12, 178, 179, 183

Tutor Inteligente 191, 192, 194, 198, 199

V

Videoconferência 13, 191, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 200

Violência Urbana 11, 85, 87, 93, 96, 97

**Militância Política e
Teórico-Científica da
Educação no**

Brasil 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

**Militância Política e
Teórico-Científica da
Educação no**

Brasil 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020